Preço da assinatura
Portugal—Contine. semestre . . . . 5$00
» —Colonias, ano . . . . 20$00
Brazil —Ano . . . reis. 20$00

O PROGRESSO

Anuncios
Linha $04
Mais de uma publicação preço convencional

SEMANARIO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ E O DE MAIOR TIRAGEM E CIRCULAÇÃO NO CONCELHO

Redacção, administração e tipografia
Rua 5 de Outubro

Director e Editor
A. Santos Graça

Ano II — Numero 12
Povoa de Varzim, 21 de Setembro de 1924

O CONFLITO POLITICO COM O SR. GOVERNADOR CIVIL

O conflito com o sr. Governador Civil julgamos ser apenas o resultado do nosso proposito de mantermo-nos fieis á unidade partidaria, não acompanhando dissidencias que se façam sobre questões de predominio ou mando dentro do partido!

Nós temos sido atravez de tudo simplesmente soldados disciplinados do glorioso e velho P. R. P. Foi por isso que não acompanhamos as dissidencias Alvaro de Castro—Domingos Pereira, cidadãos e estadistas que dentro do nosso agrupamento politico mereciam as nossas melhores amizades e simpatias e todo o nosso apoio, dado sempre leal e desinteressadamente. Isto mesmo estava sucedendo com o sr. dr. José Domingues dos Santos. Dentro do nosso partido davamos-lhe com a maxima lealdade toda a nossa força politica. Mais: quando verificassemos sem sombra de duvida que S. Ex.ª era desconsiderado não teriamos duvida em tomar imediata e abertamente a sua defeza.

Não hesitou o sr. dr. Antonio Rezende em atirar a luva ás comissões do P. R. P. da Povoa de Varzim, esquecendo o que elas representam como força politica dentro do districto do Porto. Esquecendo-se ainda da qualidade dos republicanos do concelho da Povoa, que não são troca-tintas, e que em todos os tempos se mantiveram firmes e unidos como um só homem.

Quer o sr. Governador Civil a luta? Vamos a ela.

Ha-de falar o Governo—para nos dizer se nos districtos se faz a politica pessoal e de amizades ou a politica honrada, de união e solidariedade do Glorioso Partido Republicano Portuguez.

Ha de dizer-nos o Directorio se vale o mantermo-nos dentro dos principios da lei organica, de protesto contra o desagregamento partidário, ou a politica rasteira de habilidades saloias.

E havemos de vencer, porque temos do nosso lado a Razão, a Lei Organica, a grande e formidavel força partidaria e mais do que tudo isso—a nossa grande fé na consolidação do nosso velho e glorioso partido pela união e firmeza daqueles que em todos os tempos lhe deram os maiores sacrificios.

A questão politica

O incidente politico da ultima semana só veio provar um dos nossos *defeitos*—a lealdade.

Não serve esse incidente de lição porque de lealdade continuaremos a usar para todos os nossos amigos que nos acompanham.

¿ Que poderiamos nós esperar dum individuo a quem fomos sempre leais?

Lealdade tambem.

Enganamo-nos redondamente. Vejamos.

Essa criatura a quem trouxemos para a politica e o elevamos até á administração do concelho atravez de tudo e todos, conseguiu de nós e de todos os nossos correligionarios toda a solidariedade politica.

Conseguiu insinuar-se no animo de todos para fins que agora estão bem patentes.

A nós chegaram muitas vezes boatos de que se procurava a desunião no nosso partido e que esse *alguem* pretendia ser chefe, alegando os seus serviços ao partido em detrimento dos nossos que eram bem *menores*.

A sua *importancia* junto de certas individualidades era bem maior do que a nossa e dava-lhe direito a impôr-se, dizia.

Esquecem-se que no P. R. P. não ha chefes, todos são soldados disciplinados obedecendo ás comissões politicas que o orientam.

Lamentavel esquecimento o dessa criatura que se dizendo paladino e defensor da Lei Organica no nosso Partido foi o primeiro a desacata-la.

Historiemos. O P. R. P. deste concelho tem sido desde a implantação da Republica um exemplo frisante de coesão e unidade partidaria, não se deixando influenciar por aqueles que adentro do nosso partido façam politica pessoal. E nesta orientação, sem olhar a homens mas somente ao programa do velho e glorioso P. R. P., os democraticos da Povoa, não acompanharam nenhuma das varias dissidencias que se deram adentro do P. R. P.

Alheios a todas as chicanas que porventura haja entre os marechais do nosso partido, temos mantido sempre atravez de todos os obstaculos a nossa posição, que é obediencia aos corpos dirigentes do partido e fieis ao seu programa.

Esse *alguem* parece ignorar ou não teve ainda tempo de aprender que nas democracias são as maiorias que mandam mesmo naqueles que a natureza presenteou com *grandezas*.

Está o sr. delegado do governo fóra da Lei organica do nosso partido bem como o sr. Governador Civil.

Verêmos no fim quem está dentro da logica e dentro da razão.

O sr. Governador Civil não aceitando as indicações das comissões politicas locaes, depois de ter solicitado essa indicação prova bem a sua inhabilidade politica e o despreso pela Lei Organica de que com certeza é tambem um defensor à *outrance*.

Adiante veremos as desculpas por s. ex.ª apresentadas para não fazer a nomeação de Delegado do Governo. Vamos a factos.

Após a nomeação do sr. Governador Civil o actual delegado do Governo começou despropositadamente a declarar por toda a parte que seria ele Delegado do Governo.

Passaram os primeiros momentos e ao facto não ligamos importancia alguma porque era natural que esse senhor até com os nossos sufragios contasse para que mais uma vez fosse até á administração do concelho.

Depois sua ex.ª já com um modo irritante continua a dizer, ainda despropositadamente porque nem sequer se tinha pensado em quem seria a escolha — que seria á força delegado do Governo.

Estas afirmações foram a pouco e pouco influindo nos nossos correligionarios que viam nelas o *quero, posso e mando* do antigo regimen, um desprezo absoluto pelas comissões.

Os animos foram aquecendo, até que chegou o dia da reunião das comissões politicas para a escolha do Delegado.

Foram os convites a todos os membros e quando a criatura que andava a fazer os ditos convites se abeirou de s. ex.ª, ele num gesto imponente declarou-lhe «*Eles andam lá com a reunião de comissões, mas quer queiram quer não o Delegado hei-de ser eu*».

Ele lá tinha as suas razões.

N'esse mesmo dia depois de feitos os convites ainda antes de reunirem as comissões, recebeu o Presidente da Comissão Municipal uma carta do sr. Governador Civil dizendo-lhe que sendo seu proposito reprimir o jogo de azar tinha nomeado o sr. José Linhares Delegado do Governo, interino, porque era uma pessoa da sua inteira confiança e que com o sr. Linhares na Administração do Concelho tinha a certeza de que se não jogava nem clandestina nem abertamente.

Mas dizia S. Ex.ª para as comissões reunirem e escolherem o delegado que *oportunamente* seria nomeado o efectivo.

A pessoa que trouxe esta carta ao presidente da Comissão Municipal entregou outra ao sr. J. Linhares em que vinha o alvará de nomeação.

Querem os leitores saber da lealdade do sr. Linhares?

Antes da reunião encontra-se com o presidente da Comissão Municipal e fazendo-se esquecido nada lhe diz do tal alvará.

Trabalho de sapa.

Veremos adiante a analogia que pode haver entre o sr. Linhares e um sapo.

Chega finalmente a reunião das comissões e aberta a sessão, depois de lidas as duas cartas, o nosso correligionario José Martins André apresenta a seguinte moção em nome das comissões paroquiais:

«Os representantes das Comissões Politicas do P. R. P. da Povoa de Varzim, abaixo assinados:

Considerando que todo o seu desejo é manter integro a unidade do Partido neste concelho, tal qual ele tem vindo desde a proclamação da Republica e que tem sido um raro exemplo de força politica e solidariedade partidaria;

Considerando que para bem do Partido e da Republica se deve proseguir nesta orientação;

Resolveu:

Convidar a aceitar o cargo de Delegado do Governo neste concelho ao cidadão presidente da Comissão Municipal Antonio dos Santos Graça e indicar o seu nome ao Ex.mo Senhor Governador Civil do Porto, visto como maximo desejo das Comissões e homenagem a quem neste concelho tem prestado ao Partido e á Republica inegualaveis serviços».

Esta moção foi aprovada por todos os presentes á excepção de dois—o actual delegado do Governo e regedor.

O sr. Linhares irritou-se com o resultado da votação. Quando não havia razão para isso, não só porque é libérrima a vontade de cada um e mais ainda porque a pessoa nomeada era o presidente da Comissão Municipal, que muito antes do sr. Linhares já tinha desempenhado aquele cargo. De resto não nos consta que o logar seja vitalicio nem que o partido tenha tomado o compromisso de o colocar na administração do concelho sempre que seja governo.

As comissões vão ao Porto e o sr. Governador Civil não aceita a indicação.

Era a confirmação do que dizia o sr. Linhares.

Bem sabia ele que podia contar com o sr. Governador.

¿ De resto, como se compreendia, que sendo o sr. dr. Rezende, Governador Civil não fosse o sr. Linhares administrador?

O sr. dr. Rezende tornou o Governo Civil de empreitada em todos os governos democraticos.

O sr. Governador Civil bem sabe o que são *necessidades* de... vaidades e portanto nomeou o sr. Linhares.

Vamos á nota final, e o leitor fará os comentarios devidos.

Conhece decerto quem nos lê a fabula daquele sapo que na beira da estrada, estava impado de orgulho e vaidade quando passava um transeunte, despreocupado que nele não repara.

O sapo ferido na sua vaidade adianta-se, mas o caminheiro distraido continua e não reparar nele. Finalmente o sapo resolve colocar-se debaixo do tacão do transeunte e este esmaga-o ouvindo-se um formidavel estoiro, que trouxe o viandante á realidade.

Morreu, mas conseguiu com o seu estoiro chamar a atenção do viandante e lá no outro mundo o sapo vai gosando aquele estoiro para satisfação da sua vaidade.

Assim o sr. Linhares,—o *maior* republicano de Norte a Sul—*morreu* e do *outro mundo* gosa as delicias do seu estoiro, cujo eco ainda se repercute por estas redondezas.

E finalmente R. I. P.

Senador Nicolau de Mesquita

Partiu para Vila Real na ultima sexta-feira, o ilustre Senador da Republica sr. Nicolau de Mesquita.

S. Ex.ª que é um velho *habituee* da nossa praia, passou entre nós, acompanhado de sua Ex.ma familia os mezes de Agosto e Setembro.

Que sua Ex.ª continue a honrar a nossa praia com a sua preferencia.

Banquete

Um grupo de amigos dedicados do nosso querido director e as comissões politicas do P. R. P. resolveram oferecer-lhe um almoço no proximo dia 28 do corrente, em atenção aos relevantes serviços por ele prestados á sua e nossa terra.

A inscrição está aberta nos estabelecimentos do snr. João Pereira Dias á rua 5 de Outubro e Manoel Ferreira Moreira no Pelourinho.

Baptista Vilares

Para Sambade, retirou-se na ultima terça-feira o nosso amigo e distincto colaborador sr. João Baptista Vilares, ilustre professor oficial.

Amigo devotado da instrução, muito contribuiu para o seu desenvolvimento nesta vila, presidindo á Junta Escolar Concelhia.

Com o seu espirito organisador, conseguiu com os seus colegas a realisação de exposições escolares que bem demonstraram o quanto trabalha o professorado deste concelho.

Muito estimado nesta vila onde deixa numerosos amigos, ele soube conquistar em todos eles um admirador das mais brilhantes qualidades de inteligencia e de trabalho.

Em Sambade, onde vai exercer as suas funções oficiais o amigo Baptista Vilares ha-de por certo lembrar-se da Povoa linda que tanto admira e tão arreigadas amizades conta.

Lamentando profundamente a ausencia do nosso querido amigo, desejamos-lhe na sua terra muitas prosperidades e acalentamos ainda a esperança de o vermos regressar á nossa terra, que hoje é quasi sua, logo que cessem as circunstancias que o obrigaram a abandonar-nos.

DR. NUNO SIMÕES

Para Famalicão partiu quinta-feira passada o nosso ilustre amigo e antigo ministro do Comercio sr. dr. Nuno Simões, que á nossa praia veio descansar um pouco das suas fadigas parlamentares.

Eduardo Coda Fonseca

Na ultima sessão da Camara Municipal do Porto, foi nomeado amanuense da 1.ª repartição o nosso amigo sr. Eduardo Corregedor da Fonseca, filho do saudoso republicano Corregedor da Fonseca e da Ex.ma Sr.ª D. Maria Barbosa Corregedor da Fonseca sub-inspectora do trabalho.

Aquele nosso amigo bem como a sua ex.ma mãe apresentamos os nossos parabens.

BELVEDERE

Ha dias certo politico de polpa, que na Povoa gosa de muitas simpatias e no paiz disfruta duma notória curiosidade, afirmou que a Povoa, exceptuando a novidade do guarda-sol da praia, está hoje no mesmo deploravel atraso de ha 20 ou 30 anos; não tem, em seu parecer, adiantado coisa alguma.

[illegible] para o conj[illegible].

[illegible] ser mais [illegible] mente mais [illegible] e confortavel a Povoa? Inadiavelmente que poderia. Mas, para isso se ter conseguido, era indispensavel que os politicos de alto coturno que ela tem agasalhado e festejado [illegible], se integrassem nas suas aspirações e ouvissem os seus anceios. Que se não limitassem a passeal-a, de manhã e á tarde, como qualquer grande senhor feudal em sua quinta de veraneio.

Não basta, não deve bastar, que qualquer pessoa proclame muito amor á Povoa: é preciso mais. E' preciso que todos aquetes que ela ajudou a entronisar e que no paiz exercem um certo predominio de mon[illegible]em, praticamente, os seus sentimentos por ela. No dia em que os filhos desta boa terra, agrupados em volta das suas figuras mais representativas, dos seus homens bons, exigirem essa modesta prova aos madrigalescos magnates, a Povoa será aquilo que merece ser e o ilustre politico, que sugeriu esta insulsa prosa, justamente lamenta [illegible] ela não seja.

Obrar de modo cont[illegible]rio é a Povoa continuar a estender submissamente a pas adeira a todos os que lhe entram em casa, sem distinguir os que têm jús a essa homenagem d'aqueles que, depois de servidos, lhe dão com os pratos na cara....

Na assembleia durante o baile das cabeças vimos o deputado Dr. C. F., sempre infatigavel, a procurar pontos estratégicos para melhor *fulminar* o inimigo. A cabeça d'ele andava toda ornamentada,... por dentro.

Galopinou furiosamente a favor da linda judia L. C. sem perder de vista aquela senhora de olhar sonhador, vestida de branco, e com cabeça de aryeola que em tempo conheceu em Aveiro.

—O Dr. C. d'O. desenvolvendo a sua proverbial actividade e bom humor queria á força que o comandante A. J. fosse dançar uma dança oriental! Este que, embora novo, é raposa velha e matreira respondeu singelamente que não estava treinado.

—Ao nosso lado estava o A. R., vindo de Vila do Conde. Na dôce ilusão de que vinha fazer pouco do baile da Povoa. Ao vêr o que viu meteu-se muito envergonhado a um canto a lamentar-se, para uma gentil senhora sua conhecida, de não ter vindo com toilette apropriada. Pois se não tem sido pateta ganhavam todos! [illegible] que não fazia figura d'urso, e nós que tinhamos o prazer d[illegible] [illegible] [illegible] gentil *Mimi* [illegible] [illegible] Lisboa [illegible]

—O A. C. dentro da sua bem talhada casaca ainda esboçou os primeiros compassos do bailado das cadeiras, mas ficou-se apenas nas duas que levou a umas senhoras que estavam ao topo da sala. Dahi por diante dançou o que as outras pessoas dançaram e fez boa figura. Galopinou desenfreadamente a favor de mademoiselle F.

—[illegible] mesa do bufete, por sinal um bufete muito [illegible] Pires, reuniram-se algumas senhoras, com o dr. C. A. na presidencia, a confeccionarem listas. Uma d'elas, deslumbrada com a figura da Viscondessa de P[illegible]jando, por especial simpatia, votar em Mademoiselle F. dizia [illegible] para melhor convencer:

E' pena que a V. não queira, por ter oferecido um premio, que se vote n'ela. Imaginem o que serão umas eleições quando as senhoras poderem votar e ser votadas.

—No proximo domingo contaremos alguns episodios que observámos. Entre eles um referente a umas senhoras muito conhecidas em Lisboa, com solar na Castanheira, e que estão veraneando em Vila do Conde.

—A vêr a *Inimiga* está o P. que lança olhares ávidos por toda a sala do teatro. Diz que ha-de saber quem é a gentil A. de Lisboa, que o olhava anciosa no café Universal para lhe provar que não é tanso, como nós o supomos.

Se tem ido sentar-se do lado oposto da mesma fila onde se sentou havia de sentir-lhe o halito perfumado. Na cadeira 19 da 4.ª fila estava a linda Dulcinea com a serva ao lado!

Poveiro adventicio

Para o Hospital

O nosso amigo sr. Antonio José Torres, digno funcionario da administração do concelho aplicou na ultima semana duas multas no valôr de 40 escudos ao proprietario dum automovel e dum side car por excesso de velocidade.

Resolveu aquele nosso amigo entregar a quantia que lhe cabia das referidas multas isto é 40 escudos ao Hospital da nossa vila.

Bem haja quem [illegible] [illegible]

A escudo

Tem havido na nossa praia regular quantidade de sardinha, trazida pelas traineiras de Matosinhos, que quotidianamente veem ao nosso porto, regulando o seu preço entre [illegible] e 6$00 o cento.

De pescada tem havido grande escassez, devido em parte ao tempo variavel que tem feito.

Banhistas

Passadas as festas das Dores teem retirado para as suas terras grande quantidade de banhistas, afim de assistirem ás vindimas.

O Mundo

Entrou no 25.º ano da sua publicação este grande diario republicano de Lisboa, e [illegible] que mais contribuiu para a implantação em Portugal do regimen democratico.

Ao velho colega endereçamos os nossos parabens.

ASSEMBLEIA POVOENSE

Um brilhante «bal de têtes»

Na quinta-feira ultima realisou-se na assembleia um brilhante e luzido «bal de têtes» que constituiu o mais autentico sucesso desta epoca, pela distincta [illegible] assistencia que nele tomou parte. [illegible] os titulos uma festa [illegible]

[illegible] formosura, suprema elegancia e natural encanto de trato, um [illegible] talento artistico. Vê-se bem que [illegible] digna filha do grande Alfredo Keil, saudoso autor da D. Branca, do hino da Patria e de muitas obras primas da musica e da pintura.

Eram dez horas da noite, quando o vasto salão de baile, singela mas lindamente ornamentado, numa feliz combinação de colchas e vasos de plantas, começou a povoar-se de gentis damas, trazendo algumas a cabeça artisticamente ornamentada e quasi todas ostentando «toilettes» de requintado gosto e elegancia. Entre as senhoras que iam chegando [illegible] tavam-se muitas damas ilustres de Lisboa, Porto e Vila do Conde, que previamente contavam com uma noite de verdadeiro encanto. Em pouco tempo encontravam-se na sala para cima de duzentas senhoras, primorosamente vestidas, que pela graça e beleza seductoras que dos seus rostos gentis promanavam fizeram andar á roda ou a [illegible] de [illegible] compostos a cabeça dos rapazes janotas.

Viam-se cabeças ornamentadas á oriental, á espanhola, á imperio, de Pompadour, pierrot, gafanhoto, Diana, egipcio, etc. Todo aquele maravilhoso conjunto chegou a infundir timidez aos elegantes rapazes e cavalheiros, muito comprometidos nas suas simples casacas e smokings. Que entre eles alguns houve, tambem, que apareceram com a cabeça ornamentada de pierrot, rajat, apache, etc. Quer das ilustres damas, quer dos cavalheiros, que «savoir faire» imprimiram á ornamentação da sua cabeça não mencionaremos nomes, para não cairmos, involuntariamente, em qualquer omissão e melindrarmos alguem.

Apenas «par droit de conquête» a principal iniciadora do baile, a senhora Viscondessa de Pedralva, que, positivamente, deslumbrou toda a distinta assistencia, pela maneira como se apresentou. Com um riquissimo chale egipcio, prateado, a envolver-lhe a cabeça, cingida por uma larga fita verde, compôs com tão requintada arte o seu lindo busto que logo se impôs á profunda e respeitosa admiração de gregos e troianos. Uma verdadeira maravilha!

A animação foi extraordinaria, dançando-se com verdadeiro «entrain» até de madrugada. D. Maria José Amado, gentil senhora de Lisboa cantou a velha canção napolitana «Penso», de modo a merecer os aplausos que lhe tributaram e a provocar justos anuos por cantar tão pouco.

Passava já da meia noite quando, no meio do maior entusiasmo, se iniciou a eleição das mais bem ornamentadas cabeças, para serem distribuidos os premios.

A «mêlée» eleitoral, como soe dizer-se em linguagem politica—que Deus nos defenda d'ela nestas encantadoras festas! era estupenda, distinguindo-se o comandante da Marinha, Alberto Jacques e dos srs. João Amorim Alves e Dr. Baptista da Silva, que foram coadjuvados na operação [illegible]

[illegible] da quando foram proclamados os nomes [illegible] [illegible] D. [illegible], distinguindo-se as senhoras, coube á senhora Viscondessa de Pedralva o [illegible] premio, em [illegible] D. Maria Candida Frota Ferreira, que na votação empatou com D. Antonia Godim, a gentilissima filha do Visconde Godim. O 1.º premio destinado aos cavalheiros coube [illegible] Real de Azeredo Reis [illegible] Dr. Luiz Zagalo.

Os premios, muito valiosos, constavam de uma lindissima caixa de filigrana [illegible] de Coimbra, [illegible] cristal antigo, com incrustações e uma taça de prata trabalhada para [illegible]

[illegible] quando, trouxeram os contadores [illegible] que deixou no espirito de todos os que a ela assistiram a mais viva e grata recordação e que tão lisongeiramente co[illegible]

Como [illegible] aqui os nomes ilustres das gentis senhoras que compunham a comissão organisadora do «Bal de têtes», [illegible] D. Maria Leonor Cardoso, D. Maria Helena Cruz, D. Maria Candida Frota Ferreira, D. Esmeraldina Gomes e D. [illegible]

[illegible] do ilustre director da Assembleia Povoense [illegible] e amabilidade. [illegible] Viscondessa de Pedralva [illegible]

Falecimentos

Dr. Edmundo Cunha

Após um prolongado sofrimento, faleceu na sua casa á rua Almirante Reis o snr. Edmundo Seiroz da Cunha, engenheiro-agronomo e primeiro [illegible]

Era filho do distinto professor nosso conterraneo snr. Domingos [illegible] a [illegible] professor aposentado sr. Domingos Cunha e irmão do nosso amigo sr. Herminio Cunha.

Conquanto o soubessemos muito doente, foi uma surpresa para nós a noticia do seu falecimento, por não acomodarmos facilmente á ideia de que a Parca fosse capaz de levar do numero dos vivos uma criatura com a idade e as belas qualidades do saudoso morto.

Tendo feito um curso distintissimo, entre os seus condiscipulos era considerado entre os primeiros, pela sua inteligencia e pelo seu estudo.

No Instituto Superior de Agronomia onde o seu valor o elevou á categoria de 1.º assistente era considerado entre professores e alunos um raro exemplo de trabalho e de inteligencia.

A sua carreira foi e seria ainda um continuo colher de louros se a Morte injusta não o viesse arrebatar do numero dos vivos.

Foi oficial miliciano de artilharia, tendo ensejo nessa qualidade, de provar, numa ocasião dificil para qualquer outro, que a sua palavra de honra nunca era desmentida pelos seus actos.

Sentimos não poder nem saber marcar melhor a personalidade de Edmundo Cunha, mas para aqueles que o não conhecem bastará dizer que era uma inteligencia, um caracter e um trabalhador.

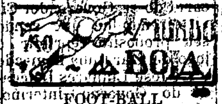
O seu enterro realizado na ultima sexta-feira foi uma imponente manifestação de saudade, que prova bem o quanto era querido na sua terra.

A familia enlutada e em especial a seu pai, seu avô e seu irmão apresenta O «Progresso» sentidos pesames pela perda irreparavel que acabam de sofrer.

Moisés Guerra

Finou-se em Traz-os-Montes, o antigo comerciante desta praça sr. Moisés Guerra.

A' familia enlutada os nossos pesames.



FOOT-BALL

Realisou-se no ultimo domingo o encontro anunciado entre o «Varzim» e o «Infesta» e que foi visto por uma diminuta assistencia.

O match foi bem e cheio de jogadas excelentes, atento o valor do grupo visitante, um dos melhores classificados no campeonato de Promoção, do Porto.

Perdeu o «Infesta» por 2 bolas a 1, por mais perderia se o arbitro validasse uma bola nitidamente defendida dentro do goal e se tambem o Varzim quizesse aproveitar um «penalty» que mansamente foi atirado contra as mãos do Keeper adversario.

Goraram-se todas as tentativas para fazer deslocar até á Povoa, como anunciámos, o Celta de Vigo que domingo passado jogou no Porto. Foi tal a exorbitancia pedida que a proposta dos hespanhoes produziu no [illegible] da Direcção do Varzim, o mesmo que um balde de agua fria sobre uma fogueira.

Seria preciso um ano para solver o prejuiso de tal deslocação e o dobro de tempo para atenuar o deficit do nosso «gool-Keeper».

O MENINO

COLO AMENO

Não falo dos colos «estufa de desejos mudos» ou dos colos sacrarios de «pudor velado». Falo do colo atraente e terno das mães —a torre eburnea onde se alcandoram os bébés. Colo tepido e macio, a ele se acolhem os meninos como a áve se acolhe ao ninho. Colo alto e sinuoso, a ele sobem os meninos como a trepadeira sobe aos muros.

[illegible] pequeninos por colo. [illegible] E' o miradouro [illegible]

Colo ideal, [illegible] na curva subtil [illegible] dos seios e nos elos estreitos e fortes dos braços. Colo afectivo, ele é feito de palpitações e de arroubos. Colo dos colos, ele tem na sua estrutura e no seu enleio, amorosidade, gracilidade.

Oh! não ha nada que mais faça comover os fortes e enternecer os bons que este grupo gentil: um inocente ao colo de sua mãe! Compreende-se: A flôr só é verdadeiramente bela, quando presa á haste. A arvore só verdadeiramente nos extasia, quando suspende dos ramos o seu fruto. Tambem o filho ao colo de sua mãe, é a flôr do seu amor, é o fruto do seu ventre. Por isso eu creio que não haja nada que mais inspire imanes de simpatias do que vêr uma mulher com o seu *Menino Jesus* ao colo!

E a emoção é tam carinhosa e piedosa que, quando a boca instintivamente se não abre, dos olhos nos escorre, vindo da alma, esta saudação popular e cristão:

—Que Deus o abençoe e o crie p'ra boa sorte!

* * *

Ai! quem teve na sua vida infante um colo maternal —colo que anima, que embala e que aquece—teve por si os deslumbramentos do mais claro abril. Só é pena que as mães vencidas pelo cansaço, que não pela ternura, cedo hajam necessidade de confortar os filhos que lhe pedem colo, com esta resposta desconfortante:

Filho: Já não és menino de colo!

Isto mesmo é o que já ha muito ouviu o Menino, saudoso tantas vezes do colo de sua mãe. Vai a mãe, por alternativa, manda-mo para mim. Como se um colo de musculos e ossos, podesse substituir um colo estufado de arminhos e beijos! Não! O homem por muito cisne que se julgue, não tem colo. Por muito paterno e terno que o homem seja, não *arola*.

Só o colo das mães mitiga a fome e a sede dos meninos; atenua a dor e enchuga a lagrima dos meninos; quebranta os medos e os tédios dos meninos.

E como pagam os meninos tam doce bem?

Fazendo *chi-chi* no colo de suas mães!

A. L. de Carvalho.

Uma carta

Do nosso correligionario sr. Antonio José Torres, recebemos com pedido de publicação, uma carta em que declara não ter auctorisado a inclusão do seu nome no telegrama enviado ao sr. Governador Civil a proposito da posse do novo delegado do governo, publicado no jornal «A Tribuna» de quinta-feira ultima.

A nossa carteira

Estadas e partidas

Depois de passar uma temporada na Povoa partiu na ultima semana para a Régoa o sr. Arnaldo de Souza Monteiro, administrador da casa Ferreirinha.

—Esteve entre nós, durante alguns dias, no Viana ao sebador Nicolau de Mesquita, e de[illegible] por Angola sr. dr. Carneiro Franco que daqui seguiu para o Gerez.

—Partiu na ultima quarta-feira para Coimbra, afim de completar a sua formatura, o sr. dr. Armindo Graça.

Aniversarios

Fazem anos:

Hoje, o menino Anibal, filho do director deste jornal snr. A. Santos Graça.

—No dia 22, o sr. Alvaro da Costa Marques, comerciante desta praça.

—No dia 25, o sr. Antero Brenha Ferreira, actualmente no Rio de Janeiro.

—No dia 26, a menina Dalva filha do sr. Francisco Correia dos Santos.

—No dia 28, o sr. Angelo Ferreira Barbosa, e o sr. Hermenegildo Pereira de Moura, actualmente no Rio de Janeiro.

FATOS Á VIANEZA

Para creança e senhora. Vende a casa

Santos Graça

Rua 5 d'Outubro

EPOCA TEATRAL

Companhia Maria Matos—Mendonça de Carvalho

Consoante haviamos anunciado realizou-se na preterita semana a primeira serie de espectaculos desta distinta companhia.

Representou-se na primeira noite a *Inimiga* de Dario Nicodemi. Peça cheia de interesse pelo valor das scenas e dos personagens, conquistou o maximo agrado da plateia. Maria Matos, vincou com a sua maxima probidade artistica a personagem, comunicando á nossa alma todo o sentimento e delicadeza do seu temperamento. Mendonça de Carvalho, com a correcção propria dum artista modelou o personagem com enlevo e galhardia. Os restantes artistas triunfaram num desejo intimo de ascendencia.

—*O Cabeça de turco*, é uma comedia farça rodeada de situações engraçadas onde o impagavel Silvestre Alegrim, com os primores da sua veia comica desperta em nós aquele sorriso franco e expontaneo.

Silvestre Alegrim, com a justeza da sua feição artistica consegue despertar o riso ao mais sizudo.

Conduz-se sempre com inquebrantavel correcção e muita consciencia, Maria Matos deu-nos neste genero de teatro uma maleabilidade do seu temperamento artistico. Satisfez. Antonio Palma e João Lopes contribuiram imenso para o agrado da chistosa comedia farça.

—A *Malvaloca*, dos ilustres escritores irmãos Quinteros—é como tantas outras uma linda aguarela cheia de saudade e sentimentos. O teatro «quinteriano» impregnado duma suavidade clara da divina inspiração da vida nota conseguem comunicar bem facilmente com a nossa alma. E no seu desempenho Mendonça de Carvalho, duma serenidade admiravel e dum detalhe irrepreensivel conseguiu desde o promenor mais insignificante revestir o seu trabalho com verdadeira intuição artistica.

Na *Malvaloca*, Maria Matos significa a mulher em todas as modalidades que a vida lhe as apresenta. O seu trabalho cheio de observação impôs-se.

Maria Helena, é nova nos tablados. E' uma aguiasinha a ferir com galhardia o azul da arte.

Não obstante já nos vai demonstrando o que será num futuro proximo.

Antonio Palma, aparte aquelas continuas contrações fisionomicas—de que não gostam os intimos—que o desconhecemos. Todos os artistas foram correctos.

—A ultima noite foi preenchida com a hilariante comedia burlesca *A madrinha de Charley*.

Mais uma vez Silvestre Alegrim, acertado e feliz, conseguiu manter a plateia em constante gargalhada. Maria Matos e Mendonça de Carvalho os artistas de sempre.

Todos os scenarios destas recitas são de magnifeito artistico.

Para hoje está anunciada a representação da soberba peça de Dario Nicodemi—*A Sombra*.

Inicia assim esta companhia a segunda serie de espectaculos no teatro Garrett.

Missa

A missa por alma do sr. dr. Edmundo Cunha realisa-se na proxima terça feira, 23, no templo das Dores, assistindo toda a familia enlutada.